

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO


Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO


Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 200.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

CAPÍTULO 1	1
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.4581919121	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
DOI 10.22533/at.ed.4581919122	
CAPÍTULO 3	18
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
DOI 10.22533/at.ed.4581919123	
CAPÍTULO 4	30
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.4581919124	
CAPÍTULO 5	38
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
DOI 10.22533/at.ed.4581919125	
CAPÍTULO 6	44
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.4581919126	
CAPÍTULO 7	52
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4581919127	

CAPÍTULO 8	61
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.4581919128	
CAPÍTULO 9	71
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.4581919129	
PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	
CAPÍTULO 10	79
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
DOI 10.22533/at.ed.45819191210	
CAPÍTULO 11	93
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.45819191211	
CAPÍTULO 12	106
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.45819191212	
CAPÍTULO 13	118
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.45819191213	
CAPÍTULO 14	131
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
DOI 10.22533/at.ed.45819191214	
CAPÍTULO 15	137
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
DOI 10.22533/at.ed.45819191215	

CAPÍTULO 16	153
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
DOI 10.22533/at.ed.45819191216	
CAPÍTULO 17	166
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.45819191217	
CAPÍTULO 18	182
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.45819191218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA

Data de aceite: 18/11/2019

Eduardo Marcos Silva de Oliveira
PUC Minas

RESUMO: A problemática do niilismo perpassa pela trajetória histórico-cultural ocidental. Contudo, é no século XIX que ela apresenta seu desdobramento de forma a acentuar-se na contemporaneidade. E é justamente com os escritos de Nietzsche que o tema passa a possuir novas definições. Contrapondo-se ao cristianismo, o pensador alemão descreve que somente com a superação do niilismo o homem seria capaz de buscar sua afirmação, sendo este “o grande movimento niilista” (NIETZSCHE, 2010b) da cultura ocidental. No mesmo período a religião, por sua vez, acompanha o surgimento e os desdobramentos da criação de novos valores em decorrência do esgotamento da moral cristã, impulsionando uma abertura para o homem desvencilhar-se dos princípios e valores que embasaram sua identidade cultural, acarretando na crise ética que se acentua no século XXI. Pretendemos apresentar a posição nietzschiana no confronto da religião, enquanto fenômeno niilista negativo, com o niilismo afirmativo proposto pelo filósofo – situação que passa a ter maior expressividade a partir de meados do século XIX com a “crise

dos valores” (PENZO, 2000; ARALDI, 2004; HÉBER-SUFFRIN, 1994) descrita pelo filósofo.

PALAVRAS-CHAVE: Niilismo, Religião, Valores.

NIILISM AND RELIGION: NIILISM CONSIDERATIONS UNDER THE NIETZSCHIAN OPTICS

ABSTRACT: The problem of nihilism permeates the western historical-cultural trajectory. However, it is in the nineteenth century that it presents its unfolding in order to accentuate itself in contemporary times. And it is precisely with Nietzsche's writings that the theme has new definitions. In contrast to Christianity, the German thinker describes that only with the overcoming of nihilism would man be able to seek its affirmation, which is “the great nihilistic movement” (NIETZSCHE, 2010b). At the same time, religion, in turn, accompanies the emergence and unfolding of the creation of new values as a result of the exhaustion of Christian morality, promoting an openness for man to disentangle himself from the principles and values that underpin his cultural identity, resulting in the ethical crisis that is accentuated in the 21st century. We intend to present the Nietzschean position in the confrontation of religion, as a negative nihilist phenomenon, with the affirmative nihilism proposed by the

philosopher - a situation that becomes more expressive from the mid-nineteenth century on with the “crisis of values” (PENZO, 2000; ARALDI, 2004; HÉBER-SUFFRIN, 1994) described by the philosopher.

KEYWORDS: Nihilism, Religion, Values.

O DIAGNÓSTICO DO NIILISMO

Ao sintomatizar o aspecto destrutivo da religião, o filósofo começa a enfatizar o que seria o início do caminho a ser percorrido em sua crítica ao cristianismo de forma veemente. O ponto crucial do pensamento nietzschiano, neste período, descrito pela tradição de seus comentadores como intermediário, é que o homem possua um posicionamento independente da moral cristã perante “os muitos males (doença, solidão, exílio, acedia, inatividade): como valentes confrades fantasmas com os quais” o homem convive (NIETZSCHE, 2007b, p. 8).

Nietzsche diagnosticou, no final do século XIX, que o ultrapassamento do homem deveria ser uma proposta a ser oferecida para o homem, sendo a crítica da racionalidade conceitual uma nova forma de racionalidade, refletida através da necessidade da experiência para corretamente interpretar os conceitos e criar uma nova percepção, antes ofuscada ou negligenciada pelos homens, na qual o niilismo seria a marca dos dois séculos seguintes. A mudança de referencial apresentados na filosofia nietzschiana nos remete a um conhecimento através da possibilidade de criação de novos e destruição de antigos valores compreendidos como superáveis, e não de conceitos preestabelecidos determinados pelo histórico da cultura cristã e referenciados na não “refutação histórico-genealógico do cristianismo” (GIACÓIA, 1997, p. 14).

Embora existam diversos pesquisadores sobre a temática do niilismo nas obras de Nietzsche, as definições feitas por Deleuze e Araldi na classificação, interpretação e diferenciação dos tipos de niilismo que se apresentam nas obras do filósofo alemão, em nosso entendimento, fazem-se necessárias devido suas análises das diferentes conotações que o termo apresenta ao longo da produção filosófica nietzschiana. Além disso, são também necessárias em razão do objetivo proposto, o de buscar enfatizar a relação entre niilismo e religião. Ainda que Deleuze não se aprofunde nessa problemática, como o fez Araldi e demais pesquisadores de Nietzsche, sua compreensão sobre a *tipologia* do niilismo na produção nietzschiana auxilia nossa pesquisa em compreender o niilismo na contemporaneidade e sua contextualização no que tange a sua interpretação como forma de superação.

NIILISMO E SUA TIPIFICAÇÃO

Segundo Deleuze (1996a; 1996b), as diferenciações de sentido que o termo niilismo possui no pensamento nietzschiano são definidas como: a) niilismo negativo: caracterizado como a negação de si mesmo em prol de outros valores, tendo como maior expressão de sua manifestação o cristianismo; b) como niilismo reativo: qualificado pela transferência de valores antes atribuídos a Deus, como a verdade fora desse mundo, para uma verdade futura, em valores transcendentais dentro desse mundo, em valores demasiadamente humanos; c) como niilismo passivo: sendo o homem incapaz de qualquer reação ou afirmação, descrito em *Assim falou Zaratustra* como sendo o último homem, um ser assentido que simplesmente nega qualquer valor e; d) como niilismo ativo: princípio essencial, segundo a definição nietzschiana, para a transvaloração de todos os valores, a “fórmula para um ato de suprema autoconsciência da humanidade” (NIETZSCHE, 1995).

A transvaloração (*Umwertung*) constitui a essência do niilismo ativo “enquanto potência aumentada do espírito que prospera, se desenvolve, ataca, destrói e propõe outros alvos” (ALMEIDA, 2005, p. 56). O niilismo ativo apresenta-se como um impulsionador que nos indica uma nova forma de valorar e criar, abrindo a possibilidade para uma nova perspectiva de se compreender o mundo, sem a necessidade de uma moral reguladora, um Deus para criá-lo, guiá-lo ou até para destruí-lo, sem encantamentos.

Na perspectiva Araldiana, o niilismo apresenta-se distintamente da seguinte forma, a saber: a) niilismo e naturalismo: no qual o naturalismo ético apresentado pela filosofia nietzschiana apresenta-se como uma resposta, ainda que inacabada, para os “impasses gerados pelo niilismo moral” (ARALDI, 2013, p. 14); b) niilismo radical: compreendido como uma total negação do homem “em si”, no mundo e ou num *além* vida, propenso a não encontrar sentido em sua existência e; c) por niilismo extremo: que, por sua vez, busca consumir a desvalorização dos valores em direção ao pensamento afirmativo, culminando em seu ultrapassamento e direcionando-os para a sua “superação” (ARALDI, 2004, p. 444) tendo como resultado a transvaloração de todos os valores.

Destarte, percebe-se que a crítica nietzschiana descreve justamente a diferenciação entre um niilismo ativo criador e um niilismo negativo que, segundo Almeida (2005, p. 56), encontra-se esgotado e sem possibilidade de atingir novos objetivos. Embasado nessa diferenciação entre niilismo ativo e negativo, Nietzsche retorna com a proposta de ultrapassamento do niilismo e não com o seu aniquilamento.

Segundo Nietzsche, o homem moderno, apesar de criar novos conceitos, novas formas de compreender sua realidade e contribuir para a ampliação dos horizontes da cultura, ainda encontra-se restrito pelos dizeres dos valores religiosos. Tal fato/

realidade acarreta na permanência do homem em vivenciar um niilismo como enfermidade que implica na permanência e inércia do indivíduo perante valores sobrepostos a sua existência (NIETZSCHE, 1995, p. 79).

Para Nietzsche (2007a, p. 23), surge uma nova forma de se interpretar o conceito de valores e não mais o Deus cristão. Fato este que fica acentuado nos dias atuais com a crescente busca do homem, que se encontra inserido em uma cultura esgotada, por se afirmar no mundo. Trata-se de uma constante busca por sentido anteriormente atribuída à verdade cristã.

Nietzsche descreve que o homem, em especial o homem do século XIX, ao tomar conhecimento da morte de Deus, não se convence desse processo e continua a agir como se Deus ainda existisse, mas não mais como um objetivo transcendente, mas sim como distinções das quais o homem se considerava um ser afirmativo, mantendo os mesmos valores antes apontados, não conseguindo, dessa forma, ultrapassar-se. As distinções a que Nietzsche se refere são as manifestações culturais que são abordadas na obra *Assim falou Zaratustra* em “Colóquio com os reis”, “A sanguessuga”, “O encantador” e “Fora de serviço” que o homem, em especial o homem do século XIX, considerava como o máximo de sua afirmação, mas que, mesmo sem nenhum valor perante os homens, os homens superiores definidos por Nietzsche continuaram a exercê-los. Esse “homem superior” (*überlegen Mensch*), é um homem nobre que assume para si mesmo os fardos da humanidade, mas ainda inacabado.

Além da afirmativa nietzschiana de que “Deus está morto!” (NIETZSCHE, 1996), este mesmo período também foi marcado com a manifestação crescente de fatores que se destacaram juntamente com a religião e que criaram um terreno propício para o que compreendêsemos como crise dos valores (NIETZSCHE, 2007b, p. 155), estendendo-se até os dias atuais. A tentativa de desconstruir a metafísica, o constante avanço técnico-científico e a incansável busca de afirmação do indivíduo em razão da “perda de sentido” (CASANOVA, 2003, p. 342), foram fundamentais para essa crise denominada por Nietzsche como niilismo.

Em tais manifestações, perpassa o valor da moralidade cristã proporcionando a transferência do sentimento de pertença e de sentido, antes atribuída à existência do homem a Deus, para a capacidade do homem de existir no mundo sem a submissão a um valor transcendente ou, ao menos, a um valor moral. Isso possibilita a compreensão de que o niilismo encontra-se em evidência e manifesta-se, essencialmente, pela desvalorização dos valores da sociedade (NIETZSCHE, 1978). Ou seja, o niilismo se apresenta como enfermidade do próprio homem.

Esses acontecimentos nos conduzem a indagar se houve um redirecionamento dos valores absolutos vigentes ou uma anulação dos mesmos em decorrência de uma abertura cultural da sociedade contemporânea. Onde a religião encontra-se como

um dos, senão como o principal, pontos de referência no centro das multiplicidades dos acontecimentos culturais.

Nietzsche justifica a existência dos valores criados na modernidade em contraponto aos valores da religião, ao afirmar que “a realidade nos mostra uma fascinante riqueza de tipos, a opulência de um pródigo jogo de alternância de formas” (NIETZSCHE, 2006a, p. 37).

Para o filósofo, com a “morte de Deus”, a ciência, que se apresenta como uma nova referência de valor passa a querer ser a detentora da verdade, o que inviabiliza ao homem almejar seu distanciamento de conceitos absolutistas, sob a necessidade de um *desejo de certeza*. Segundo Nietzsche, isso significa que

alguns têm ainda necessidade de metafísica; mas esse furioso *desejo de certeza* que se descarrega hoje [...], esse desejo de querer possuir a todo o custo alguma coisa segura (quando se passa com bastante indulgência, na febre desse desejo, sobre as provas dessa segurança), é ainda um desejo de apoio e de suporte, em resumo, um desejo do *instinto da fraqueza* que não cria, indubitavelmente, religiões, metafísicas, e convicções de todas as espécies, mas... as conserva [...]. (NIETZSCHE, 1996, p. 229).

Entende-se que, para Nietzsche (2006a), com a conservação desses valores absolutos, seja da religião ou da ciência, perpetua-se a imposição de uma cultura inferior, marcada pela inclinação à decadência. E devido à crença na verdade, o homem está sujeito a submeter-se a estes erros impostos pela moralidade. Em *A gaia ciência*, afirma Nietzsche que esta crença na verdade também alude ao posicionamento de homens de uma “cultura superior”.

Entende-se por cultura superior uma cultura desvinculada dos costumes e da moralidade cristã, e não como superior a outro tipo de cultura. É uma cultura classificada como sendo seus detentores os espíritos livres, devido à formação de espírito elevada. Na definição nietzschiana, cultura não se remete aos hábitos e crenças da humanidade, mas sim alude ao significado de educação, de formação, de modo de vida. Daí sua separação entre cultura superior e cultura inferior. Essa afirmação fica evidenciada na obra *Crepúsculo dos ídolos*, onde Nietzsche adverte sobre os perigos que a sociedade alemã está sujeitada com a deficiência da formação dos seus contemporâneos.

Desse modo, percebemos que o conceito de niilismo começa a ser percebido na filosofia nietzschiana com mais nitidez. Nietzsche, ao compreender a ameaça que o homem predisposto a uma cultura superior possuía de se prender na negatividade do seu próprio rompimento com os erros da sociedade, descreve a necessidade de criar um novo tipo superior ao homem que lhe permitisse afirmar-se e “preservar-se: a mais dura prova de independência” (NIETZSCHE, 1996a, p. 46).

Nesse viés, fatores característicos nas obras de Nietzsche é sua compreensão

sobre personagens históricos e literários para exemplificar suas ideias. Sua problematização avança sobre as formas de valoração e seus tipos são apresentados como forma de exemplificação. Com esse método, Nietzsche descreve, através de sua tipologia, uma abrangente compreensão do homem. Este apontamento figura tanto no campo filosófico quanto cultural, psicológico e moral. No desenvolver de sua filosofia, Nietzsche busca exemplificar novos tipos como princípios valorativos que representam diferentes naturezas humanas, sempre possíveis de transformação. Nietzsche, ao longo de suas obras, hierarquicamente, dividiu os tipos em dois grupos: o primeiro apresenta o tipo forte, afirmativo, que exerce sua vontade de poder ascendente com menor reatividade no comportamento valorizando seus instintos. Como exemplo, Nietzsche apresenta o gênio, o aristocrata, o nobre, o homem superior, o espírito livre e, como proposta, o além-do-homem. O segundo é caracterizado por um tipo fraco, negativo, possuidor de uma vontade de poder descendente e possuidor de um sentimento de ressentimento. Exemplificando, Nietzsche descreve os escravos, a plebe, os servos, os animais de rebanho, o último homem.

Embora não exista uma continuidade nos três períodos do pensamento de Nietzsche, existem algumas diferenciações na interpretação dos tipos forte e fracos ao longo de sua obra. É importante salientar que, para compreendermos essa tipologia nietzschiana, não devemos compreendê-la sob os olhos da moral, mas a concepção de valorar os instintos intrínsecos ao homem que foram reprimidos pelos valores morais-religiosos-metafísicos da tradição.

Destarte, o que Nietzsche apresenta em sua filosofia é que não bastaria a morte de Deus, mas também a morte do homem preso a esses valores. Diz Nietzsche: “A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo senão isto?... Estamos cansados do homem...” (NIETZSCHE, 2006, p. 35). A morte de Deus é decorrência do cristianismo e a ascensão do niilismo traz a decadência da cultura religiosa.

O conceito cristão de Deus – Deus como deus dos doentes, Deus como aranha, Deus como espírito – é um dos mais corruptos conceitos de Deus que já foi alcançado na Terra; talvez represente o nadir na evolução descendente dos tipos divinos: Deus degenerado em *contradição da vida* em vez de ser transfiguração e eterna afirmação desta! Em Deus a hostilidade declarada à vida, à natureza, à vontade de vida! Deus, essa fórmula para toda a difamação do “aquém”, para toda a mentira sobre o “além”! Em Deus o nada divinizado, a vontade do nada canonizada!... (NIETZSCHE, 2007a, p. 23).

Para o filósofo, o niilismo é um processo histórico, e a morte de Deus, uma ação que ocasiona uma preparação para o anúncio do além-do-homem. Também como uma declaração do surgimento de um mundo novo, e não um “aprofundamento de ideias” da compreensão da existência do homem no mundo através de sua compreensão teológica. Concomitantemente, com a ascendência do cientificismo e

o surgimento de novas explicações da existência humana, Deus começa a perecer e o niilismo se põe em evidência.

Desta forma, compreendendo a supressão da moral, evidencia-se que na formulação nietzschiana, o caráter criativo e impulsionador do homem é posto em evidência e apresenta-se como proposta, mas também é concebido como forma de ultrapassar o “niilismo negativo” que, segundo Machado (1999), se originou com o cristianismo e que se fortalecia com a condição de Deus estar morto. Nietzsche percebe que, a partir do anúncio da morte de Deus, o niilismo negativo começa a despontar com mais força sobre a sociedade moderna.

Dessa forma, o niilismo é apresentado como a ciência desse apagamento, como “a história deste grande desprendimento”, o extremo rompimento com o lugar específico do homem, como uma mudança de centro, uma excentricidade que constitui o modo de notificação mais fundo do seu ser e a configuração, em ato, de sua vida. (MATOS, 2003, p. 143).

Para compreendermos a importância dessa constatação de afirmação da vida no pensamento nietzschiano pelo homem que realiza sua autossuperação, faz-se necessário remetermo-nos à constatação de Araldi de que “o eterno retorno do mesmo, enquanto visão, projeto, pensamento ou posição do mais pesado dos pesos, e o niilismo, enquanto admissão do vazio de sentido após a morte de Deus precede a criação/invenção” (ARALDI, 2004, p. 301) nietzschiana de superação.

Segundo Nietzsche, o homem, em especial o cristão, deve buscar o niilismo como um processo acabado – niilismo ativo –, pois este transmuda os valores ao invés de trocá-los, como faz o niilismo interpretado pelo assassino de Deus, o “último homem” – niilismo negativo –, que despreza tanto o mundo sensível quanto o mundo transcendente:

Qual é, então, a diferença entre os dois? [...], pode considerar que nada tem valor na vida ou que “nada tem valor na vida, a não ser o grau de potência”, pode ser um pessimista da fraqueza, um pessimista romântico, ou um pessimista da força, clássico, dionisíaco, além de bem e de mal, [...], pode ser um niilista passivo, esgotado, exausto, ainda incompleto, inacabado, ou um niilista “ativo”, “extremo”, “completo”, “acabado”, “perfeito”, cuja a vontade atinge o máximo de potência ao afirmar o eterno retorno. (MACHADO, 1997, p. 131-132).

Nota-se que na concepção nietzschiana, o ultrapassamento da inércia estipulada pelo esgotamento do cristianismo acarreta a vontade desejosa de afirmar e criar predisposta ao niilismo ativo. Para Nietzsche, quando o homem vivenciar o niilismo ativo se apresentará como o afirmador do ideal de novos valores, um destruidor da moral cristã, sendo, com isso, capaz de viver com sua real condição.

Toda essa discussão constitui um novo ramo sócio-filosófico na contemporaneidade caracterizado pela influência da religião, contribuindo para a

transformação cultural que, por sua vez, desperta interesse na compreensão deste fenômeno.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e o paradoxo**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARALDI, Clademir Luís. **Nihilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos**. Ijuí: Unijuí, 2004.
- CASANOVA, Marco Antonio. A religião da terra: o lugar do sagrado no pensamento de Friedrich Nietzsche. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de; PINHEIRO, Paulo (Org.). **A fidelidade à Terra: arte, natureza e política: assim falou Nietzsche IV**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1996a.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Porto: RES, 1996b.
- GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. **Labirintos da alma: Nietzsche e a autossupressão da moral**. Campinas: Unicamp, 1997.
- HÉBER-SUFFRIN, Pierre. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- MACHADO, Roberto. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- MATOS, Junot Cornélio. Críticas nietzschianas à modernidade. **Impulso/Revista de Ciências Sociais e Humanas**, v. 19, n. 28, out. 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: FCA, 1985.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora**. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Porto São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Fragmentos póstumos**. Ed. espanhola dirigida por Diego Sanchez Meca. [S.l.]: Tecnos, 2010b. v. IV, 1885-1888.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007b.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Incompletas**. Tradução de Rubens R. T. Filho. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PENZO, G. O divino como problematidade. In: PENZO, G.; GIBELLINI, R. (Org.). **Deus na filosofia do século XX**. São Paulo: Loyola, 2000.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marcelo Máximo Purificação - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

Elisângela Maura Catarino - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

P

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiro 61, 65, 67

R

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

S

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

T

Teologia da libertação 44, 50

V

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458